



A MATERNIDADE COMO DISCURSO: CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR, REVISTA VEJA E AS FALAS FORMADORAS DO “SER MÃE”.

Cíntia Lima Crescêncio*

Pensar a maternidade enquanto prática incorporada culturalmente e não como instinto natural das mulheres tem sido objetivo de alguns ramos do movimento feminista que se ocupam de desmistificar padrões e comportamentos ligados a uma separação rígida dos gêneros mediante funções específicas determinadas para cada um. Nesse sentido, a organização Católicas pelo Direito de Decidir do Brasil (CDD-Br)¹ emergiu na década de 1990, mais especificamente em 1993, ano de sua fundação, com o posicionamento não-governamental e de caráter ecumênico e feminista, que se propunha a buscar justiça social e mudança dos padrões culturais e religiosos que atuavam na sociedade brasileira. Originalmente a organização nasceu nos Estados Unidos na década de 1970, atuando ainda em muitos países da América Latina, com destaque para o Uruguai, no entanto, neste artigo privilegiei a atuação da CDD brasileira.

Diante do exposto apresento o objetivo do presente trabalho que é de refletir, por meio da análise de conteúdo,² sobre a cartilha “Maternidade – Conversando a Gente se Entende”, publicação da CDD-Br da década de 1990, buscando compreender de que maneira e utilizando-se de que argumentos a cartilha em questão procurou desconstruir as falas formadoras do “ser mãe” produzidas pelo discurso católico³ no intuito de construir um novo ideal de maternidade, desprendido de obrigações sociais, do mito do amor materno e submisso apenas à escolha das mulheres. Para isso, exploro ainda publicações da Revista Veja⁴ do mesmo período que fornecem um subsídio ao contexto de ação da organização, na medida em que a historiografia sobre essa

* Graduada em História-Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Atualmente é mestranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Bolsista CNPQ. Email: cintialima23@gmail.com.

¹ Propostas da CDD: debater publicamente e oferecer resistência aos paradigmas presentes no pensamento católico tradicional, no campo da sexualidade; promover discussões e facilitar a articulação entre teólogas/teólogos feministas; divulgar argumentos éticos e religiosos favoráveis ao exercício da cidadania na área de saúde reprodutiva, sexualidade e prevenção da violência contra as mulheres; promover a produção e distribuição de materiais didáticos sobre essas temáticas; articular, fortalecer e capacitar lideranças comunitárias sensíveis aos direitos das mulheres; contribuir para a mudança de mentalidades e a implementação de leis, políticas públicas e serviços de saúde acessíveis a todas as pessoas, especialmente às mulheres pobres, garantindo o acesso aos direitos sexuais e reprodutivos (CDD, 2003: 13).

² Conforme Laurence Bardin a análise de conteúdo é: “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 1977, p. 42).

³ Neste trabalho ressalto que entendo como discurso católico o discurso oficial da instituição Igreja Católica, visto que é este discurso que é criticado pela CDD-Br.

⁴ A Revista Veja foi fundada em 1968 por Victor Civita e Mino Carta. Distribuída até hoje pela Editora Abril a revista teve como cenário de sua fundação a ditadura militar.



história recente ainda é restrita. Dessa maneira, com a articulação entre a análise da cartilha e a análise da Revista pretendo refletir sobre a representação do discurso católico elaborado pela CDD no que tange o tema maternidade.

A organização Católicas pelo Direito de Decidir⁵, com seu projeto ideológico de transformação por meio da desconstrução de identidades fixas e submissas dentro do discurso católico, possibilita exatamente a reflexão acerca das questões de gênero que levam diretamente ao debate sobre as noções de identidade. Destaco que neste artigo não trato o discurso católico como um bloco opinativo que se ocupa de reproduzir as mesmas normas, mas sim, como um campo que, com frequência, distancia-se do discurso oficioso, como bem o prova a própria CDD. Entretanto, primo por representar a crítica da CDD, organização que se diz católica, ao discurso oficial da Igreja que promoveria um ideal de maternidade baseado no modelo da Virgem.

A CDD, ao acusar o discurso católico de tentar modelar e influenciar a formação de identidades femininas, apresentou um outro projeto de formação de identidades que privilegiava a liberdade de mulheres que, segundo a organização, foram historicamente submetidas a um discurso religioso que primava pela predominância dos homens.

De acordo com Stuart Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas⁶.

Conforme citação, os discursos são essenciais para a compreensão da construção de identidades, na medida em que essa construção se dá dentro do discurso e não desprendido dele. Além disso, precisam ser considerados dentro de suas formações históricas e institucionais. Dessa maneira, formações, práticas, estratégias, iniciativas e dispositivos específicos são explorados no sentido de validar formas de identidade. Assim, considero o discurso católico criticado pela CDD, como um meio de perceber a construção da identidade feminina pelo discurso da instituição Igreja. Para isso, também a CDD elaborou um discurso que propõe a elaboração de outros tipos de identidades, mais fluidas e flexíveis.

⁵ Destaco que o cenário de ação da CDD foi desde o princípio um contexto de abertura política e de infiltração de novas idéias e perspectivas, em que a modernização do país também estava vinculada à modernização de mentalidades, mentalidade essa que, segundo a análise das cartilhas e do livro citados acima, estava vinculada a um patriarcalismo eminente e importado dos nossos colonizadores que perpetuaram um modelo político e social baseado no domínio masculino. Além disso, a imprensa, fonte explorada para a elaboração deste trabalho, denunciou nitidamente essa abertura que culminou também no debate de temas muito polêmicos em um país notadamente católico e religioso de maneira geral.

⁶ HALL, Stuart. HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Petrópolis: Editora Vozes, 2000: 109.



Diante disso, proponho discutir que tipo de modelo de mãe e mulher esse discurso procurou promover por meio das informações da cartilha da organização CDD. De acordo com o escrito:

Os textos bíblicos tem interpretações variadas, de acordo com o tempo e a cultura onde estão inseridos. Frequentemente, as sociedades se aproveitam dessas “interpretações para reforçar comportamentos que respondem a interesses de grupos dominantes... Relatos bíblicos sobre a criação do homem e da mulher indicam uma relação respeitosa, de igualdade e entendimento entre homens e mulheres. (Gênesis 1 e 2)... Logo após os relatos da criação, vem a história do desentendimento entre os primeiros seres humanos e o Criador, e entre o homem e a mulher, o chamado pecado de Adão e Eva (Gênesis 3)⁷.

Conforme o trecho, os escritos bíblicos foram interpretados de diferentes maneiras em diferentes tempos e variados espaços para promover interesses específicos. Com frequência, ainda segundo a cartilha, o relato da criação da mulher a partir da costela de Adão tem servido de justificativa para a submissão do sujeito feminino que, em função de seu “nascimento”, seria, obviamente, não portador de autonomia.

De acordo com Zaíra Ary⁸, a desvalorização do feminino no imaginário católico decorre de certos tipos de interpretações bíblicas. Conforme a autora três elementos tirados da Bíblia são destacados e explorados pela Igreja Católica para formar a figura do feminino: o primeiro refere-se ao argumento anteriormente citado de que a mulher por ter sido extraída da costela de Adão seria submissa a ele; o segundo seria a responsabilidade da mulher sobre os sofrimentos masculino e feminino, na medida em que ela estimulou o pecado original; o terceiro faz referência ao perigo que a mulher denota, visto que ela é a tentação que pode tirar os homens do caminho espiritual.

A CDD também salienta que o discurso da criação dos homens e das mulheres serve de justificativa ao panorama atual das relações entre os gêneros. Destaca ainda a questão das dores do parto que segundo o Gênesis foi ordenado: ...“*multiplicarei sobremodo os sofrimentos de tua gravidez; em meio a dores darás a luz os teus filhos: o teu desejo arrastar-te-á para o teu marido e ele ti governará*”⁹. Também este trecho confirma o destino da mulher que seria de sofrer com o parto e submeter-se ao marido.

Tendo elaborado uma noção do sujeito feminino no imaginário católico, pode-se então proceder a reflexão sobre o pensamento católico oficial sobre a mulher enquanto mãe, que dentro deste pensamento estabeleceu-se como citado anteriormente, na confusão entre o ser mãe e o ser mulher. “A Igreja Católica reafirma o sexo e a maternidade, dentro do matrimônio, como função

⁷ CDD. *Maternidade - Conversando a gente se entende*. Organização e redação: Dulcelina Xavier Secoli e Myriam Aldana Santin. São Paulo, Católicas pelo Direito de Decidir: 1997: 25.

⁸ ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000.

⁹ CDD. *Maternidade - Conversando a gente se entende*. Organização e redação: Dulcelina Xavier Secoli e Myriam Aldana Santin. São Paulo, Católicas pelo Direito de Decidir: 1997: 26.



*principal e realizadora da mulher. A realidade da vida das mulheres mostra, contudo, outras possibilidades*¹⁰. Conforme a cartilha aqui analisada, a Igreja Católica, apesar das mudanças ocorridas no plano familiar em função do desprendimento gradativo da mulher do ambiente doméstico, permaneceu na defesa de que a sua função é a procriação legitimada pelo matrimônio, mesmo que a realidade da década de 1990 demonstrasse que elas buscaram e buscam outras dimensões do ser mulher, independente do comprometimento com a maternidade. Para as integrantes da CDD, a absorção da maternidade enquanto natural acaba por cumprir um papel que oprime a mulher a sua condição de mãe, negando-lhe outros destinos.

Nesse ponto em que a mulher acaba por assumir uma posição de destaque dentro da família, na medida em que é a responsável pela prole, que surge um outro tipo de modelo que se faz presente no discurso da Igreja Católica, a mãe bondosa, em oposição a figura de Eva.

Uma outra visão de hierarquia da Igreja católica... tem contribuído, e muito, para a idéia de que a mulher tem como papel principal ser mãe e estar a serviço da família. Duas figuras de mulher tem norteado as prescrições da Igreja sobre como deve e como não deve ser uma “boa” mulher... ela levou o homem a pecar... mãe bondosa... e prestativa para com a família¹¹...

De acordo com a citação, apresentam-se dois modelos distintos de mulher: o modelo de boa mãe, inspirado na figura de Maria; e o modelo de pecadora que ainda leva o homem ao pecado, inspirado na figura de Eva. Conforme Ary: “... *as mulheres, como herdeiras de Maria, semi-divinizadas, tomada como modelo de submissão, de pureza e de sofrimento, são aparentemente revalorizadas, e tidas simbolicamente como ‘salvadoras’ da sociedade, em função do seu papel maternal idealizado...*”¹². Tem-se aqui o contraponto a figura de Eva, a figura de Maria. As mulheres, como herdeiras de Maria, ao invés de serem desvalorizadas como o são por serem também herdeiras de Eva, agora são valorizadas por terem como modelo inicial a figura divinizada de Maria, a maternidade inspirada nessa figura, portanto, é considerada uma benção, um prazer.

A cartilha dissertou que o seguimento desse modelo da Virgem tem início desde a infância, quando meninas são criadas para a maternidade e os meninos para exercer sua masculinidade. A essa mesma constatação chegam Simone de Beauvoir¹³ e Elisabeth Badinter¹⁴. Através de reflexões distintas ambas as estudiosas concordam na perpetuação de valores e papéis propagados desde a

¹⁰CDD. *Maternidade - Conversando a gente se entende*. Organização e redação: Dulcelina Xavier Secoli e Myriam Aldana Santin. São Paulo, Católicas pelo Direito de Decidir: 1997: 29.

¹¹CDD. *Maternidade - Conversando a gente se entende*. Organização e redação: Dulcelina Xavier Secoli e Myriam Aldana Santin. São Paulo, Católicas pelo Direito de Decidir: 1997: 30.

¹² ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000: 78.

¹³ BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.

¹⁴ BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado – O mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 1985.



infância, criando um número infinito de gerações instigadas a reproduzir comportamentos aprendidos desde o berço.

Ultrapassando os modelos de mulher e de maternidade construídos pelo discurso da Igreja Católica, a cartilha abordou ainda dispositivos que foram condenados e assim auxiliariam a tolher a sexualidade feminina em benefício da promoção da maternidade, como a proibição do uso de contraceptivos, a autorização do sexo apenas no casamento, a condenação do aborto¹⁵ em todo e qualquer caso.

Existe uma doutrina, compartilhada por setores da Igreja em defesa do celibato, do uso exclusivo de contraceptivos considerados naturais, do sexo só no casamento, do não uso da camisinha, contra o aborto em qualquer caso... Isso tudo, porém, mostra, com clareza a enorme distância entre as proposições oficiais da Igreja com relação a sexualidade¹⁶...

A cartilha concluiu que esse tipo de recomendação é um abandono à própria sexualidade humana. Entretanto, a organização reconheceu que a Igreja já não tem tanta influência sobre o comportamento dos fiéis: “... *com relação à vivência da sexualidade, da concepção e da anticoncepção, as idéias religiosas influenciam cada vez menos...*”¹⁷. O discurso católico já não seria tão eficaz assim no que tange seus conselhos sobre a vivência da sexualidade, mas se pensarmos no papel da Igreja Católica e de outras igrejas dentro do Estado brasileiro, percebemos sim que ainda não foi atingido o que prevê a Constituição: a instauração de um Estado laico.

A cartilha ofereceu o caminho da reflexão para a mulher decidir sobre a sua capacidade de reproduzir, considerando as mulheres aptas a decidirem sobre o destino de seus corpos: “*A decisão de quando ter filhos e de quantos filhos ter é um direito das mulheres*”¹⁸. Cabe a ela e, somente a ela, portanto, a decisão de decidir sobre a maternidade. Na cartilha foi cedido às mulheres o total e absoluto direito de controle sobre a sua própria fertilidade.

¹⁵ No período aqui analisado tem-se como figura marcante no poder federal o presidente Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente que, apesar de sua vinculação política não ser de esquerda, o que para muitos pressupõe a simpatia pela causa do aborto, defendia e ainda defende uma bandeira de legalização do aborto e liberdade sexual. No período em que a CDD, portanto, procurou difundir suas idéias sobre maternidade, corpo e aborto, tínhamos na presidência um simpatizante da causa, mas incapaz de atuar nesse sentido. Não distante desta temática encontra-se o atual presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, membro do PT, partido que chegou a prever a luta pela legalização do aborto, mas que assim como Fernando Henrique Cardoso não atuou no sentido de colocar o tema objetivamente em debate. Dessa forma, destaco a força da bancada política religiosa que desde a década de 1990 mantém o aborto como crime. Entretanto, se a bancada conservadora é tão forte no nosso cenário político é também em função da própria população que, não podemos esquecer, elege cada conservador que sobe ao poder.

¹⁶ CDD. *Maternidade - Conversando a gente se entende*. Organização e redação: Dulcelina Xavier Secoli e Myriam Aldana Santin. São Paulo, Católicas pelo Direito de Decidir: 1997: 31.

¹⁷ CDD. *Maternidade - Conversando a gente se entende*. Organização e redação: Dulcelina Xavier Secoli e Myriam Aldana Santin. São Paulo, Católicas pelo Direito de Decidir: 1997: 32.

¹⁸ CDD. *Maternidade - Conversando a gente se entende*. Organização e redação: Dulcelina Xavier Secoli e Myriam Aldana Santin. São Paulo, Católicas pelo Direito de Decidir: 1997: 33.



A cartilha ressaltou que o momento histórico influenciava a maternidade por interesses diversos, como quando da necessidade de reposição de mão-de-obra, ou no caso de superpopulação. Assim, Estado e Igreja Católica uniram-se no sentido de exercer poder sobre a sexualidade feminina reafirmando de maneira insistente um modelo de família patriarcal que vem sendo combatido. De acordo com Danda Prado¹⁹, o próprio conceito de família foi construído sobre um modelo patriarcal, ligado à linhagem e à questão do poder reprodutivo dos homens, modelo este que até pouco tempo ainda mantinha a mulher juridicamente sob a tutela do sujeito masculino.

Dessa maneira, entre tantos outros temas tratados pela cartilha, nesse artigo destaquei estritamente o discurso católico formador de um modelo de maternidade a ser seguido e que é criticado pela organização, na medida em que expressa e articula o valor dos sujeitos femininos à noção de maternidade, colaborando para sua naturalização e desconsiderando a construção histórica²⁰ e a escolha dos sujeitos femininos no que tange aos seus próprios corpos.

Nesse momento é importante refletir sobre os ideais de maternidade que circulavam na sociedade, além do próprio discurso católico, até para que se possa refletir sobre o alcance que os modelos de mãe difundidos pelo discurso da Igreja possuíam.

Para isso destaco, como contraponto ao elaborado anteriormente, 5 matérias da Revista Veja, são elas: “Sociedade Limitada”²¹, “Prazeres adiados”²², “Depende da mulher”²³, “Berço da culpa”²⁴ e “Crepúsculo dos pais”²⁵. Esta última ressaltou como um caso a parte, em função da entrevistada ter sido citada por Gérard Vincent em texto explorado neste trabalho.

A primeira matéria “Sociedade Limitada” apresentou a preocupação com a saída da mulher para o mercado de trabalho e a crescente diminuição do número de filhos, o que alterou a concepção da família da classe média. Importante notar que a revista apresenta como foco famílias bem constituídas por pais instruídos, brancos, casados, heterossexuais e de vida financeira estável, portanto, trata-se de um modelo convencional de família. Já à família pobre foi denotada a idéia do desmantelamento social, em função da perda de padrões.

¹⁹ PRADO, Danda. *O que é família*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

²⁰ A cartilha é basicamente elaborada com idéias de Elisabeth Badinter que afirma: “O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam” (BADINTER, 1980: 22)

²¹ *Sociedade Limitada*. Revista Veja, Comportamento, Edição 1185, 05/06/1991.

²² *Prazeres adiados*. Revista Veja, Comportamento, Edição 1212, 11/12/1991.

²³ *Depende da mulher*. Revista Veja, Entrevista, Edição 1248. 19/08/1992.

²⁴ *Berço da Culpa*. Revista Veja, Comportamento, Edição 1250, 02/09/1992.

²⁵ *Crepúsculo dos pais*. Revista Veja, Entrevista, Edição 1266, 16/12/1992.



Há uma parte do Brasil, majoritária e pobre, que ficou esquecida durante o processo de mudança das últimas décadas. Perdeu os padrões familiares de décadas passadas, mas continuou a gerar famílias numerosas e estilhaçadas, num mundo em que a característica mais palpável talvez seja a perplexidade²⁶.

A citação demonstrou o reconhecimento da revista em relação à parcela do Brasil que permaneceu isolada e esquecida das transformações ocorridas nos últimos anos, como o próprio aumento do poder de compra dos brasileiros. Salienta ainda que essa maioria pobre perdeu valores passados, o que talvez refira-se ao aumento do número de divórcios e ainda a proliferação de mães solteiras, desmembrando um núcleo familiar que naturalmente teria como integrante um pai. Nesse trecho da matéria pode ser destacado também que essas famílias pobres é que continuariam a criar núcleos numerosos de filhos.

Dos modelos de família apresentados ficaram reclusas: a família da mãe-solteira, a numerosa (o que a reportagem deixa a entender que seria recorrente entre os pobres) e a do pai solteiro, que mesmo em menor número, já era uma realidade. Esses elementos levam a questionar o próprio conceito de família. Conforme Gérard Vincent, essa discussão sobre a temática família remonta a questão jurídica do próprio casamento, na medida em que os casamentos considerados legítimos e ilegítimos levavam a própria contestação da sua existência nos dias atuais. Ao reproduzir estatísticas de um relatório do Conselho Econômico e Social (França-1975), os autores lançaram a questão, com a fala da relatora Évelyne Sullerot:

... a relatora se pergunta se ainda é possível falar em família ante essa fantástica diversidade: casais de solteiros, concubinos com registro em cartório, divorciados com ou sem filhos, divorciados concubinos, variantes da coabitação juvenil, jovens dividindo a casa ou vivendo juntos apenas alguns dias por semana, ou ainda tranquilamente acampado na casa de uma das famílias²⁷.

Essa fala questiona exatamente a existência de uma das instituições responsáveis por definir papéis de mulheres e homens na sociedade e, diante disso, determinar comportamentos. Essas variantes seriam famílias? Para a relatora, aparentemente, não. Relevante destacar que nesta pesquisa foi encontrada uma entrevista desta mesma socióloga citada por Vincent na Revista Veja, em que a francesa afirma que a saída da mulher para o mercado de trabalho desestruturou as famílias contemporâneas.

Veja: Essa divisão de tarefas entre homem e mulher não é positiva?

Evelyne: Claro que sim, mas não estou fazendo juízo de valor. Apenas constato o que ocorreu nestes últimos anos. A partir do momento em que as mulheres começaram a preencher funções antes exclusivas aos pais, a figura paterna foi se diluindo. No início dos anos 80 era moda ver pais dando de mamar aos filhos e acordando de madrugada para trocar fraldas.²⁸

²⁶ *Sociedade Limitada*. Revista Veja, Comportamento, Edição 1185, 05/06/1991: 72.

²⁷ GÉRARD, Vincent. Segredos de Família. In: *História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias*. GÉRARD, Vincent e PROST, Antonie (org). São Paulo: Companhia das Letras, 2009: 263 – 264.

²⁸ *Crepúsculo dos pais*. Revista Veja, Entrevista, Edição 1266, 16/12/1992: 7.



A socióloga destacou em sua entrevista que nos últimos anos as mulheres tomaram um espaço anteriormente restrito aos pais, exercendo o papel de pai e mãe e destituindo do homem seu papel paterno. No decorrer da entrevista Sullerot, no passado uma feminista convicta, criticou o apagamento da figura do pai em funções antes apegadas à noção de autoridade masculina. Segundo a estudiosa, as mulheres tiraram do pai o que havia de específico na paternidade e salientou que a saída da mulher para o mercado de trabalho agravou o número de divórcios.

Enquanto a socióloga demonstrou preocupação com o esvaziamento da figura paterna, a CDD, através de suas cartilhas e campanhas, pregavam e pregam um ideal de que os papéis de homens e mulheres dentro da família são construções históricas e, em função disso, poderiam ser transformados. Além disso, ressaltou que famílias sem filhos não foram consideradas.

A segunda matéria da Revista Veja, destacada para ceder um pano de fundo histórico a este trabalho, é a intitulada “Prazeres adiados” em que o tema é a maternidade “tardia”, ou seja, uma maternidade exercida por mães que priorizaram a carreira para só depois pensarem em ter filhos. A matéria afirmou que “... com a entrada em massa da mulher no mercado de trabalho, muitas brasileiras tem adiado o momento de padecer no paraíso ao lado da prole”²⁹. Assim, conforme citação, a saída da mulher do ambiente doméstico para o mercado de trabalho tem feito com que o “prazer” da maternidade seja adiado em função da questão profissional. Em momento algum a matéria levantou a possibilidade do não-desejo de ser mãe, referindo-se à maternidade como um instinto implacável, seguido de declarações de mulheres que são ou pretendem ser mães já na maturidade. “Existe um espaço vazio na vida de toda mulher que precisa ser preenchido.”... “Com o tempo, o instinto maternal tornou-se implacável. Ele pode até ser postergado, mas são raros os casos em que não aparece”³⁰. “Cedo ou tarde não dá pra resistir ao apelo de ser mãe”³¹. Ser mãe é um prazer. As declarações das mulheres confirmam esse desejo também influenciado por obrigações sociais e modelos de maternidade difundidos.

A terceira matéria destacada é “Depende da mulher”, entrevista com Carmen Barroso, psicóloga social especialista em população que relegou às mulheres a responsabilidade do planejamento familiar. Tratando essa questão como um problema de direitos humanos e saúde pública, a entrevistada defendeu que sejam cedidas às mulheres os meios de se evitar filhos. Conforme fala de Barroso:

É fundamental aumentar o poder de barganha das mulheres. É necessário que elas tenham acesso ao mercado de trabalho e criem uma nova mentalidade. Tem muita mulher liberada economicamente mas que tem uma

²⁹ *Prazeres adiados*. Revista Veja, Comportamento, Edição 1212, 11/12/1991: 56.

³⁰ *Prazeres adiados*. Revista Veja, Comportamento, Edição 1212, 11/12/1991: 57.

³¹ *Prazeres adiados*. Revista Veja, Comportamento, Edição 1212, 11/12/1991: 58.



visão sexual retrógrada, não se admite como um ser sexual ativo e autônomo, e vê o sexo como algo cheio de culpa. Então ela não pode carregar uma camisinha na bolsa e dizer: “está aqui, use”. Ela vai dizer a si própria que é uma promíscua”³².

A citação apontou a contradição de comportamentos, na medida em que financeiramente a mulher seria liberada, mas sua moral sexual a manteria oprimida, o que tornaria o sexo um ato de culpa. Barroso destacou a própria recusa da mulher em propor o uso da camisinha ao parceiro por sentir-se promíscua por isso, em função de uma educação social, moral e religiosa que ensinaram a ela que a mulher deve preservar sua sexualidade. Assim, esta terceira matéria concede à mulher um papel fundamental no controle da natalidade mundial, trata-se, portanto, de um problema de saúde pública e não de simples direitos individuais.

A quarta e última matéria que traz como tema a maternidade é “Berço da culpa” que trata sobre a repercussão no Brasil de um filme intitulado “A Mão que Balança o Berço”, que teria atordoado muitas mulheres trabalhadoras. A matéria afirmava que o filme “... *serve perversamente ao objetivo de tentar às mães que trabalham a voltar para o doce remanso do lar*”³³. O filme, cuja temática circula em torno de uma babá psicopata que atordoava uma feliz família, seria uma forma de sensibilizar às mães que trabalham fora e deixam seus filhos sob os cuidados de terceiros, sendo um incentivo ao retorno ao lar. Aparentemente, o tema apóia a emancipação feminina, no entanto, mais uma vez, a não-maternidade não obtém espaço, pois o normal é considerado ser mãe, e mais, desejar ser mãe.

Nessa discussão sobre o papel social da mulher, dialogo com 4 matérias que expressaram como foco geral a maternidade. Ao mesmo tempo em que a Revista Veja apresentou uma entrevista na qual defendeu o poder da mulher de decidir sobre o futuro através do controle da natalidade, destacou-se também outra matéria que apresenta a maternidade como um prazer irresistível. Lado a lado seguem realidades presentes na década de 1990 no Brasil: saída da mulher para o mercado de trabalho, mudanças na estrutura da família como era conhecida, discussão sobre a criação de filhos sem a presença constante da mulher, anticoncepção como um problema de proporções mundiais.

A Revista, por meio de suas linhas reforçou o prazer, o lado instintivo da maternidade, mesmo não condenando a saída da mulher para o mercado de trabalho, sua chamada emancipação. As matérias demonstraram o quão natural é “ser mãe” ao não considerar a opção da não-maternidade, ou a existência de famílias constituídas e sem filhos. Indo de encontro ao que defende a CDD, a liberdade de escolha quando o assunto são os corpos das mulheres, a Revista corroborou

³² *Depende da mulher*. Revista Veja, Entrevista, Edição 1248. 19/08/1992: 8.

³³ *Berço da Culpa*. Revista Veja, Comportamento, Edição 1250, 02/09/1992: 48.



um modelo de maternidade que, mesmo sem os numerosos filhos de séculos atrás, mantém-se, ligando-o a um estereótipo de instinto e amor maternal de mães resignadas e dispostas a tudo por sua prole.

A maternidade, na cartilha analisada foi renegada enquanto instintiva e natural, sendo considerada pela organização como um sentimento que tanto pode surgir, como pode nunca existir em determinadas mulheres. Sob influência dos escritos de Badinter, a cartilha aqui analisada, que tinha como objetivo construir uma outra noção de maternidade, baseada em uma apropriação da tarefa e não nas questões de gênero, tratou o tema maternidade como uma construção cultural e histórica, ligada a costumes e formação de identidades. Para a organização, a maternidade deve ser uma escolha. Desvinculando a maternidade de modelos santificados, nessa cartilha primou-se por tratar o ser mãe como uma decisão e não uma obrigação.

Com a análise da Revista Veja paralela às publicações da CDD, o que se evidenciou foi a singularidade da posição da organização. Ao defender uma lógica cristã e a favor da igualdade entre homens e mulheres a CDD diferencia-se, na medida em que propõe mudanças dentro da própria Igreja, no lugar de afastar-se dela. Dessa maneira, a organização reservou-se o direito de se denominar católica e também feminista, apesar de acusar o discurso da Igreja de ser um obstáculo na construção da igualdade entre homens e mulheres.

FONTE:

CDD. *Maternidade - Conversando a gente se entende*. Organização e redação: Dulcelina Xavier Secoli e Myriam Aldana Santin. São Paulo, Católicas pelo Direito de Decidir: 1997.

FONTE AUXILIAR:

Sociedade Limitada. *Revista Veja*, Comportamento, Edição 1185, 05/06/1991.

Prazeres adiados. *Revista Veja*, Comportamento, Edição 1212, 11/12/1991.

Depende da mulher. *Revista Veja*, Entrevista, Edição 1248, 19/08/1992.

Berço da Culpa. *Revista Veja*, Comportamento, Edição 1250, 02/09/1992.

Crepúsculo dos pais. *Revista Veja*, Entrevista, Edição 1266, 16/12/1992.

BIBLIOGRAFIA:

ARY, Zaíra. *Masculino e feminino no imaginário católico: da Ação Católica à Teologia da Libertação*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2000.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado – O mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 1985.



BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v. HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

GÉRARD, Vincent. Segredos de Família. In: *História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias*. GÉRARD, Vincent e PROST, Antonie (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 223-397.

PRADO, Danda. *O que é família*. São Paulo: Brasiliense, 1983.